



REVISTA BRASILEIRA DE FILOSOFIA E HISTÓRIA

ISSN:2447-5076

<https://gvaa.com.br/revista/index.php/RBFH/index>

*Feminini Generis em tempos sombrios – a política a partir de  
Hannah Arendt*

*Feminini Generis in dark times -the politics starting from Hannah Arendt*

**LEITURAS E RESENHAS**

*Luan Gomes dos Santos de Oliveira<sup>1</sup>, Aldeone Pereira Silva<sup>2</sup>, Fernanda Fernandes Barbosa<sup>3</sup> e Agílio Tomaz Marques<sup>4</sup>*

**RESUMO:** Este trabalho é fruto de uma mesa redonda do Seminário de Filosofia realizado em outubro de 2019 na Faculdade de Filosofia de Cajazeiras/PB. Tem como objetivo compreender o fenômeno da participação da mulher na política a partir do pensamento da teórica política Hannah Arendt.

**Palavras-Chave:** Hannah Arendt, Ação Política, Mulher.

**ABSTRACT:** This work is the result of a round table of the Philosophy Seminar held in October 2019 at the Faculty of Philosophy of Cajazeiras / PB. Aims to understand the phenomenon of women's participation in politics from the perspective of political theorist Hannah Arendt

**Keywords:** Hannah Arendt, Political Action, Women

<sup>1</sup>Sociólogo-Antropólogo, Assistente Social, D. Sc. em Desenvolvimento e Meio Ambiente e D. Sc. em Educação pela UFRN, . CCJS/UFCG – Campus de Sousa – PB. Email: luangomessantos@terra.com.br

<sup>2</sup>Prof. da FAFIC - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cajazeiras, M. Sc. em Sistemas Agroindustriais pela PPGSA/UFCG/CCTA – Pombal. Graduado em Filosofia e Teologia e Direito – E-mail: aldeonesocial2026@gmail.com

<sup>3</sup>Prof. da FAFIC - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cajazeiras, M. Sc. em Sistemas Agroindustriais pela PPGSA/UFCG/CCTA – Pombal - PB. Graduada em Serviço Social e Direito – E-mail: nandafernandesrn@hotmail.com

<sup>4</sup>Bacharel em Direito TJ/PB. E-mail: agiliotomaz@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Inicialmente quero agradecer a oportunidade de dialogar e aprender um pouco mais sobre os estudos realizados por Hannah Arendt. Sou grato dessa maneira ao Prof. Pe. Paulo Henriques (UFCG/Sousa) por mediar a minha participação neste evento tão caro, e ao Prof. Pe. Padre Sérgio por aceitar a esta indicação. E agradecer a mesa por constituir em conjunto a ação política deste espaço público, que é a Universidade. Gostaria de dedicar essa minha fala às mulheres que me construíram enquanto *masculini generis*, a minha companheira de vida Luciana Gaspar(esposa), que partilha da sua vida privada me ensinando o que deve ser um ser humano comprometido com a liberdade e com a justiça, e à minha amiga e irmã Profa. Cibelly Michalane, com quem aprendi a enxergar o ser mulher de maneira mais ampla, mais honesta e mais incluyente do ponto de vista dos direitos humanos.

Para este momento, quero compartilhar com vocês algumas reflexões em torno da política em Hannah Arendt e sua relação com o fenômeno da emancipação feminina. Confesso que ao tomar conhecimento do tema do evento fui assaltado por algumas interrogações filosóficas: Hannah enquanto um ser contemporâneo, termo caro ao filósofo italiano Giorgio Agamben; de que maneira Arendt procurava compreender a participação da mulher na política; E por último, fui impregnado por uma vontade de compreender o nascimento político das mulheres no mundo contemporâneo.

O pensamento político de Hannah Arendt nos conduz a observar e a compreender com cuidado a contemporaneidade. Ser

*“Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo. [...]Por isso os contemporâneos são raros. E por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma*

*luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual num compromisso ao qual pode apenas faltar*  
(AGAMBEN, 2009, p. 64-65).

Compreendo que a pensadora Hannah Arendt é este ser contemporâneo pois se manteve alinhada em entender o presente, se engajando ética e politicamente num movimento de compreensão dinâmica da realidade concreta. Mas quem é Hannah Arendt?: uma estudiosa que mantinha na tensão entre a filosofia e a política, se revestia da coragem intelectual de desafiar o totalitarismo, a barbárie e as tendências autoritárias.

É nessa direção que reencontro o pensamento político de Arendt, num contexto em que o mundo (a Europa e especialmente a América Latina) vive tempos sombrios? Mas que sombras revestem a mundanidade hoje? Os discursos de ódio, ameaças contra a livre expressão e de pensar, o entorpecimento das vias do pensamento livre, responsável, autocrítico, em troca de uma verdade estabelecida. Me parece que estamos diante de um desafio maior: conviver a pluralidade de ideias, de pensamento, isso se tornou presente me parece em todas as direções políticas. O prazer de pensar e entender os fenômenos em torno da política e do lugar dos homens na Vida era uma marca do pensamento de Arendt. Retornemos a questão principal que quero compartilhar com todos vocês neste espaço público: **Mas o que tudo isso tem a ver com a participação da mulher na política?**

Ao tomar consciência dessa questão, fui neste pouco espaço de tempo retomar os meus diários e cadernos das teorias sociológicas e políticas quando vi na graduação em ciências sociais em Natal/RN, a possibilidade de ler “Condição Humana”, “O que é a política” e “Homens em tempos sombrios” de Hannah Arendt. Confesso que de início aquela leitura não era de fácil compreensão, então me dediquei a ler a obra completa e a debater e dialogar com colegas de diferentes orientações teóricas e políticas. Recordo que um colega afirmava convictamente que Arendt era liberal, conservadora, antimarxista e antifeminista.

De forma a entender melhor essas afirmações fui rever o livro “Homens em tempos sombrios” e encontrei o ensaio sobre a pensadora marxista Rosa Luxemburgo e o ensaio sobre Walter Benjamin, filósofo marxista e amigo pessoal de Arendt, além de seu marido Heinrich Bluncher, que participou do partido comunista alemão. Não posso afirmar com certeza, mas Arendt não era antimarxista, mas uma autocrítica do marxismo por enxergar nesse, elementos totalitários, tomando como referência a experiência soviética do stalinismo. No entanto, sua aproximação de Rosa Luxemburgo lhe garantiu influências sobre estudos de revolução política permanente. E de Walter Benjamin, adotara a história como uma narrativa de ação política capaz de instaurar novas histórias no mundo.

**Mas o que era o ser mulher para Hannah Arendt?** Ela pensava o ser humano como uma categoria universal a partir dos gregos. O que em minha opinião a humanidade é um aspecto comum entre homens e mulheres que constroem a esfera pública e a esfera privada. O que pensaria Hannah Arendt na realidade contemporânea,

*[...] porque o país em que vivo atualmente flerta com mecanismos utilizados por regimes autoritários. Há poucos dias atrás (trinta de setembro de 2018 e vinte de outubro de 2018) as mulheres brasileiras foram para as ruas dizer não a uma política fundada em ideias autoritárias, e criaram um grande movimento chamado “Ele não” (KULKAMP, 2019. P. 09).*

Defensora dos direitos humanos que era, o seu pensamento rompe com toda ameaça a liberdade dos seres humanos pela perspectiva da ação política. Embora os seus escritos tenham como base as categorias esfera pública, esfera pública e esfera social (híbrida), tendo como base filosófica o pensamento grego aristotélico, que enxergava o espaço público como predominantemente ocupado por homens, excluindo os escravos, as mulheres e as crianças que eram relegados ao espaço privado, culturalmente o local da reprodução das necessidades que impedia o exercício da liberdade dos sujeitos.

Penso que o espaço público na acepção de Arendt não era exclusivo dos homens do gênero masculino, mas próprio do gênero humanos, a autora situou escravos, mulheres e crianças na esfera privada, por ler a realidade como era, mas segundo Celso Lafer, no pós-fácio de Homens sombrios, a autora retomou a ideia de *feminini*

*generis*, ao resenhar a obra de Alice Rühle -Gerstel, “O problema contemporâneo da mulher”,

*[...] na qual questionava a validade de um movimento isolado de mulheres. O que Hannah Arendt consistentemente quis, para as mulheres e das mulheres, era uma atenção às discriminações política e jurídicas que enfrentavam que fosse suficientemente abrangente, para inserir os problemas políticos e jurídicos de condição feminina no contexto mais amplo dos grupos sociais aos quais a igualdade é denegada (LAFER, ARENDT, 1987, p. 247).*

Dessa maneira, Arendt chamava a atenção para situar a luta das mulheres num movimento mais amplo da realidade, em que a mulher enquanto ser humano, pode assumir o espaço da ação política. Sendo capaz de instaurar esse novo na *vita activa*, de engajar-se na vida pública, nos assuntos civis e nos destinos do mundo. Embora Hannah Arendt não se situa-se no movimento feminista, mas ela vivia em pensamento e ação uma condição feminina emancipada, por ora enxergava e admirava a virilidade no pensamento de Rosa Luxemburgo. Ela não vivia presa a esfera privada, ao reino da subordinação, da opressão e da violência.

Não que eu generalize que as mulheres que vivam a dimensão doméstica sejam todas infelizes, mas venho repensando o meu lugar na vida doméstica, como filho que observava a função da mãe na casa, como pai que observo o protagonismo de minha companheira e como colega de trabalho de mulheres que assumem também o espaço doméstico? Somos sustentados pelas mãos das mulheres que historicamente vem tentando romper com a dependência imatura dos homens que demoram a amadurecer a sua concepção de ser humano.

Neli Kopola em *Mulheres e a Vita Activa*, defende que a noção de natalidade na obra de Arendt pode funcionar como uma noção propulsora da participação da mulher na política (compreendida como o espaço da liberdade e do exercício do pensamento livre).

*Uma vez que a condição humana de natalidade está*

*conectada à atividade da ação, que caracteriza o propriamente humano e, desse modo, é inerente a todo indivíduo, acredita-se que os sujeitos integrantes de uma comunidade política podem dar início a uma nova história, pactuar um novo começo em que as mulheres são incluídas enquanto agentes e não como sustentadoras de uma vida privada opressiva e carente de liberdade. [...] São também capazes de ação política, como qualquer outro sujeito, em razão da condição humana da natalidade (ASSIS, 2006, p. 14).*

Obrigado!

#### REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. São Paulo: Argos, 2009.

ARENDT, Hannah. Homens em tempos sombrios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

O espaço da ação política é por excelência o espaço da pluralidade. Sendo assim, garantir o direito de participação das mulheres na vida pública é reconhecer o seu direito de ter direitos, de existência humana. Ao que me parece Arendt poderia provocar hoje uma outra polêmica, mesmo que seja necessária uma cota de participação das mulheres na política partidária, para fins de inclusão das mulheres, essa ação não consistiu ainda como ruptura com o patriarcado, pois não afetou a revolução no pensamento e nas ações dos *homini generis*, que ainda não reconheceu a mulher como um ser humano capaz de ação política, de liberdade e de natalidade, em vias emancipatórias.

Para finalizar, ao escrever esse texto fui pego por uma partilha de uma amiga e irmã, que colabora diariamente com a formação de mulheres do presente, ela me deu uma lição de vida:

Nós mulheres, somos totalmente iguais e diferentes a vocês homens. Iguais em gênero humano, mas vocês esqueceram isso, ou foram obrigados a esquecer isso, frente a cultura machista que turva uma compreensão de nossa participação na construção do mundo. A sobrecarga diária, casa, trabalho, casamento, filho, família, se constituem como um fardo que acabamos levando. O que não deveria ser fardo, pois deveria ser compartilhado. Mas acabamos levando a casa sozinhas, devido a omissão dos nossos companheiros. Tudo isso faz com que nos estressemos mais, adoecemos mais, sem contar que menstruamos todos os meses. Diante disso, a gente amadurece mais cedo, mais também sofre mais e somos pouco compreendidas. Conviver com vocês é um grande desafio que nós escolhemos. Os braços que abraçam, também precisam de afago. Quem é forte também cai em algum momento. Não defendo uma mulher superior ao homem, mas uma mulher tão humana quanto o homem é considerado.